

EDUCAÇÃO E SOCIEDADE: RELAÇÕES ENTRE CAPITAL CULTURAL E FINANCEIRO NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM

Education and society: relations between cultural and financial capital in the learning process

RESUMO: Para que haja uma educação de qualidade devemos pensar nas necessidades dos educandos e, assim, oferecer meios para que estas sejam supridas, afinal a criança se desenvolve de acordo com o ambiente que a ela é ofertado. Partindo disso, percebe-se que são vários os aspectos que contribuem para tal formação. Por isso, discutir-se-á sobre a formação da criança enquanto sujeito e as dificuldades apresentadas por ela no ensino básico, levando em consideração os aspectos socioculturais. Também serão verificadas as lacunas no processo de ensino e aprendizagem dos discentes e da própria formação docente que, devido a uma origem social, não enxergam ou não se atentam para questões que geram ineficiências na aprendizagem dos alunos que estão em processo de construção. Como modalidade de pesquisa serão utilizados os métodos qualitativo e quantitativo, que facilitará a compreensão da pesquisa, buscando aprofundar os nossos conhecimentos acerca do tema escolhido com embasamento teórico e coleta de dados a fim de comprovar as hipóteses estabelecidas.

ABSTRACT: In order for a quality education to exist, we must think about the needs of the students and thus offer the means for them to be supplied, after all the child develops according to the environment that is offered. From this, we can see that there are several aspects that contribute to this formation. Therefore, we will discuss the formation of the child as a subject and the difficulties presented by it in basic education, taking into account the socio-cultural aspects. It will also be verified the gaps in the teaching and learning process of the students and of the teacher training itself, which, due to a social origin, do not see or do not look at issues that generate inefficiencies in the learning of students who are in the process of construction. As a research modality will be used the qualitative and quantitative methods, which will facilitate the understanding of the research, seeking to deepen our knowledge about the theme chosen with theoretical basis and data collection in order to prove the established hypotheses.

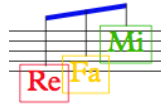
PALAVRAS-CHAVE: Construção. Criança. Ineficiência. Docente. Família.

KEYWORDS: Construction. Child. Inefficiency. Teacher. Family.

SOBRE OS AUTORES

ANDRESSA SIMÕES ANDRADE

Graduada em Pedagogia pelo Centro Universitário de Goiás – Uni-ANHANGUERA.

**CRISTIANE MARINHO SILVA**

Graduada em Pedagogia pelo Centro Universitário de Goiás – Uni-ANHANGUERA.

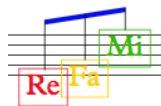
RENATO DE OLIVEIRA DERING

Professor Assistente do Centro Universitário de Goiás – Uni-ANHANGUERA. Doutorando em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás e líder-pesquisador do grupo FORPROL/UFVJM/CNPq.

INTRODUÇÃO

É fato que para que haja uma educação de qualidade deve-se pensar nas necessidades dos educandos e, assim, oferecer meios para que estas sejam supridas, afinal, a criança se desenvolve de acordo com o ambiente que é oferecido a elas e é a partir disso que o capital cultural de cada criança se constrói. Partindo disso, é necessário despertar o interesse do professor em contribuir com a formação de cada educando, pois ser professor vai muito além de um cargo já que é ele o responsável por preparar seu educando e desenvolver nele diferentes competências e habilidades. Tudo que a criança faz traz consequências para ela mesma, portanto, se são estimuladas desde pequenas aos poucos elas vão se construindo e assumindo consciência, tornando-se sujeitos críticos e, assim, podem vir a melhorar a sociedade que as cerca. Todavia, há uma dificuldade encontrada por elas durante essa construção: a de perceber a necessidade e a importância de assumir essa consciência do que, de fato, elas vão fazer na escola. Pode-se dizer que se elas não sabem para onde vão logo, qualquer lugar servirá.

A Educação é motivo de discussão e preocupação para a sociedade em geral, pois, o futuro da nação depende da humanização do indivíduo que se constrói através dessa Educação. Acredita-se no desenvolvimento da sociedade através de um ensino de qualidade, por isso o objetivo dessa pesquisa não é, simplesmente, informar a realidade, mas discutir sobre a formação da criança enquanto sujeito e as dificuldades apresentadas por ela no Ensino Básico, levando em consideração os aspectos socioculturais relacionados a este contexto e não obstante verificar as lacunas no processo de ensino e



aprendizagem dos discentes e da própria formação docente. Assim, visa-se problematizar a educação escolar através, também, do desenvolvimento socioeducacional que o aluno traz, apresentando as dificuldades que serão encontradas nesse processo. Para isso, será realizada uma comparação entre questões socioculturais de dois públicos distintos – alunos de escola pública e particular – em que a escola está localizada na mesma região.

Visto que o capital cultural influi significativamente para o sucesso escolar, percebe-se que, devido a uma origem social, algo que foi dado como herança, os profissionais da educação não enxergam ou não se atentam para questões que geram ineficiências na aprendizagem dos alunos que estão em processo de construção. Isto porque os docentes fazem parte de um sistema que ainda reproduz desigualdades no que se refere aos processos pedagógicos que, por sinal, não permitem o crescimento da criança de maneira eficaz.

Dessa maneira, eles apenas ratificam algo que os foi imposto e não refletem sobre os problemas necessários para a formação da criança enquanto sujeito. Com isso, a escola como um todo espera que as crianças já tenham um conhecimento prévio adquirido, mas não é o que ocorre. A criança se desenvolve de acordo com o ambiente que oferecemos a ela e tudo influi em sua aprendizagem. Portanto, é necessário pensar que ambiente estamos oferecendo a essas crianças percebidas enquanto sujeitos que se inserem em processos contínuos de aprendizagem. Devido a uma cultura legítima, que só a classe dominante é capaz de adquirir - visto que a herança familiar atua de forma bem marcante no que diz respeito ao futuro escolar, uma vez que esses conhecimentos apropriados facilitam o aprendizado dos conteúdos - os professores não conseguem lidar, seja por falta de preparo ou falta de uma auto-avaliação, com aquela parcela de alunos que, por motivos econômicos, são desprovidos desse capital cultural. Ao invés de proporcionar a estas igualdades de oportunidades, os professores apenas reproduzem uma origem social, e, portanto, acabam excluindo estes discentes desfavorecidos.

Discutir sobre a formação da criança enquanto sujeito e as dificuldades apresentadas por ela no ensino básico levando em consideração os aspectos socioculturais é o objetivo desse trabalho. Trata-se também, neste contexto, de verificar as lacunas no processo de ensino e aprendizagem dos discentes e da

própria formação docente. Desse modo, o presente estudo traz como metodologia uma pesquisa de caráter qualitativo e quantitativo. Assim sendo, o uso desses métodos facilitará a compreensão da pesquisa, de forma que o método qualitativo buscará aprofundar os nossos conhecimentos acerca do tema escolhido com embasamento teórico de vários autores, mas tendo por eixo as ideias advindas de Pierre Bourdieu (1998) e enquanto o método quantitativo serão coletados dados a fim de comprovar as hipóteses estabelecidas, considerando o processo de ensino-aprendizagem da criança enquanto sujeito e a realidade em que a mesma está inserida.

Para tal, as relações entre conteúdo escolar e a formação do cidadão enquanto sujeito serão problematizadas a fim de refletir sobre os problemas que influenciam em sua formação. O foco recairá, então, na intersecção da observação sobre alunos do 3º ano do Ensino Fundamental I da Rede Pública e da Rede Particular de ensino da cidade Goiânia-GO, ambas as instituições localizadas no mesmo bairro da capital.

1. O CONTEXTO SOCIOCULTURAL

A Constituição Federal Brasileira de 1988 afirma, no Artigo 205, Capítulo III, Seção I, que “[...] a educação é um direito para todos e um dever do Estado e da família” (p. 59). O Estado garante a escola gratuita para todos os cidadãos, mas esse direito não é dever só do Estado, é também da família. É fato que nem sempre se tem esse apoio familiar, devido à falta de tempo dos pais, justificada pelo excesso de trabalho que exercem para o sustento dos filhos. Diante dessa realidade, os pais deixam seus filhos por conta da escola, o que significa que as dificuldades encontradas pelas crianças são cumulativas. Além de não ter a família como apoio, ainda se tem a diferença do capital cultural trazidas por elas.

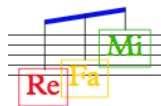
[...] A cultura da elite é tão próxima da cultura escolar que as crianças originárias de um meio pequeno burguês (ou, a fortiori, camponês e operário) não podem adquirir senão pessoalmente o que é herdado pelos filhos das classes cultivadas: o estilo, bom gosto, o talento, em síntese essas atitudes e aptidões que só aparecem naturais e naturalmente exigidas dos membros da classe cultivada, porque constituem a “cultura” (BOURDIEU, 1998, p. 55).

Em diálogo com Bourdieu, Chartier (1988, p. 16) menciona que “[...] o objeto da história cultural é identificar como, em diferentes lugares, é construída uma realidade social”. Ele estuda a sociedade, não apenas a cultura de um grupo social, e expande sua visão para as trocas entre as culturas oral e escrita, estudando como a cultura não letrada pode colaborar com a cultura escrita através das práticas que estas criam na sociedade, ou seja, deve-se levar em consideração, apesar da diferença sociocultural existente, que independentemente da criação, as crianças desses diferentes mundos – letrado e não letrado – possuem uma bagagem, um conhecimento socialmente adquirido, que deve ser aproveitado em sala.

Essas situações aqui mencionadas ocorrem devido à diferença ou à falta de certo capital cultura entre as crianças, pois o nível cultural do meio familiar influencia significativamente no processo de formação do cidadão enquanto sujeito, uma vez que aqueles que se apropriam desse capital cultural mais diversificado têm maior probabilidade de atingir seus objetivos com mais eficácia. Na sociedade do século XXI, em que as práticas e representações existentes são determinadas pelos interesses da elite, que prefere impor a explicar o motivo de tal conduta, Chartier afirma:

As representações do mundo social assim construídas, embora aspirem a universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam. [...] As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade a custo de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas (CHARTIER, 1988, p. 17).

Essa autoridade, que é imposta, acontece devido à reprodução de uma herança da sociedade que reproduz desigualdade e, por assim ser, não permite o crescimento dos menos favorecidos que não têm acesso a diversos bens culturais, por exemplo. Essa herança, portanto, é marcada pelo poder da camada nobre que possibilita aos alunos de escolas particulares obterem maior conhecimento, oferecendo, por exemplo, visitas frequentes a museus, teatros e a intimidade maior e mais abrangente com obras literárias e diferentes gêneros musicais. Assim, tais atividades, nesse contexto, acabam por possuir maior ou



total apoio e valorização da família, que geralmente oferece também meios para desenvolver esse capital cultural “mais rico”.

Em contrapartida, nas escolas públicas as crianças não têm a mesma oportunidade devido ao contexto no qual estão inseridas o que envolve desde um possível despreparo dos professores até o meio sociocultural em que estão imersas. Assim, percebe-se que não há oferta de meios para que seja suprida essa falta de capital cultural nesse outro contexto e, além disso, não se ensina, não se explica e nem é incentivada a importância de se ter um capital cultural diversificado.

Pondera-se que não se trata de uma regra ou uma generalização do tema, mas a constante influência do capital econômico versus o capital cultural. Por isso, verifica-se que não é algo restrito apenas à escola, os pais também não oferecem meios para que esse capital se desenvolva, o que agrava ainda mais a dicotomia citada e coloca em discussão o conhecimento transmitido pela família no enriquecimento da bagagem. Segundo Bourdieu (1998, p. 74) “[...] a acumulação do capital cultural exige uma incorporação que, enquanto pressupõe um trabalho de inculcação, de assimilação, custa tempo e deve ser investido pessoalmente pelo investidor”.

É fato, como diz Umberto Eco (2004), que cada um se identifica com a cultura em que cresceu, portanto, não se quer aqui dizer que uma cultura, que o capital cultural dos alunos de escolas particulares seja melhor do que a dos alunos de escolas públicas, até porque diferenças existem e precisam ser respeitadas; o que é pretendido aqui problematizar é a necessidade de se trabalhar para mudar tal realidade a fim de que os pais, professores e alunos de escolas públicas percebam o quão beneficiados serão se incentivarem e buscarem outros meios para se desenvolver e enriquecer o capital cultural de tais alunos. Isto é, pondera-se pela diversificação da bagagem que cada sujeito vai adquirir. Eco (2004, p.36) afirma que “[...] é preciso dizer às crianças que os seres humanos são muito diferentes entre si e explicar bem em que são diferentes, para depois mostrar que essa diversidade pode ser uma fonte de riqueza”. Essa riqueza aqui mencionada diz respeito ao contexto em que a criança está inserida, uma vez que é este o motivo que a leva a possuir um

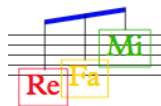
capital cultural diferente dos alunos de escolas particulares, capital esse que influencia significativamente no sucesso escolar.

2. RELAÇÃO DO CONHECIMENTO ENTRE O PROFESSOR E O ALUNO

O conhecimento é algo que se encontra num processo de construção permanente, não é algo pronto e acabado, mas nem sempre é entendido dessa forma. “[...] o conhecimento é entendido como algo acabado, pronto, encerrado em si mesmo, sem conexão com sua produção histórica” (CORTELLA, 2011, p. 85). É preciso estar atento ao mediar esse conhecimento para que o mesmo não seja transmitido de forma a criar uma compreensão distorcida acerca do conteúdo. Um bom exemplo que justifica isso é quando se ensina matemática considerando um só caminho para se alcançar o resultado final, pois dessa forma o aluno irá apenas reproduzir o que lhe foi transmitido. Isso não é algo que se restringe apenas ao ensino da matemática, podendo acontecer em qualquer matéria. Portanto, deve-se ter cuidado com a forma a partir da qual são apresentados os conteúdos, pois não existe uma única forma e são vários os métodos existentes que nos possibilitam oferecer uma melhor compreensão acerca do conteúdo estudado.

Deve-se trabalhar de forma a despertar nos alunos uma reflexão acerca do conteúdo trabalhado e, para isso, é necessário contextualizar o conteúdo de forma que se aproxime ao máximo da realidade dos alunos, pois, se não houver esse despertar os alunos não se interessarão e não atuarão como sujeito que constrói seu conhecimento e, conseqüentemente, serão meros reprodutores. Nesse processo de construção haverá erros, mas o erro faz parte do processo de ensino/aprendizagem, portanto é importante valorizá-lo, pois é através dele que se aprende e se desenvolvem habilidades e competências diversas.

Entretanto, fica cada vez mais evidente que parte substancial do desinteresse (e da “indisciplina”) encontrado em muitos dos nossos alunos pode ser atribuído ao distanciamento dos conteúdos programáticos em relação às preocupações que aqueles trazem para a escola. Essas preocupações raramente são conhecidas por nós, educadores; com frequência supomos que qualquer conteúdo, a priori, é válido e deve interessar aos



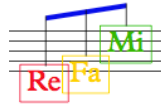
aprendizes, pois, afinal, foi por nós escolhido é “sabemos o que bom para eles” (CORTELLA, 2011, p. 95).

A culpa pela falta de interesse das crianças nas aulas sempre recai sobre elas mesmas, porém, deve-se levar em consideração qual ambiente estamos oferecendo a elas, possibilitando que seja um ambiente acolhedor para que se possam adquirir os conteúdos de forma prazerosa possibilitando a verificação, a avaliação e a participação de todos os alunos na aula, mesmo que ela ainda fuja um pouco ao que foi proposto. Nesse caso, faz-se necessária uma intervenção do professor de forma a mediar o conteúdo relacionando-o com a realidade desse aluno.

3. CONSTRUÇÃO DO SUJEITO

Ninguém é igual a ninguém, cada ser humano é único, portador de uma individualidade especificamente humana, conforme aponta Cavalcante (2005). Essa individualidade aqui referida vai se adaptando com o meio em que vivemos e se autoconstruindo através do processo de apropriação-objetivação (objetos, linguagens, etc.) acumulados ao longo da história humana. Em meio a essa apropriação-objetivação, o indivíduo transforma o que já existe e descobre o novo e esse novo terá a marca da subjetividade, ou seja, do seu modo de ver e isso propiciará, mesmo que pouco significativa, uma mudança na realidade objetiva. E quando ele se torna capaz de desempenhar tal função, ele se constrói enquanto sujeito, o que confirmamos com Magalhães (*apud* Cavalcante, 2005, s/p), que afirma que “[...] a condição intrínseca de ser sujeito, isto é, a capacidade de imprimir, de forma consciente, sua marca na objetividade”.

Na medida em que ocorre essa mudança, essa transformação da realidade, o indivíduo vai se transformando também e assim vão sendo mediadas suas relações (seja com o meio ou os indivíduos que o compõe) e satisfazendo suas necessidades. Mas, para que ocorra essa transformação, é necessário que se tenha um nível de consciência, que segundo Chauí (*apud* Cavalcante, 2005, s/p), “[...] é a capacidade para conhecer, para saber que conhece e para saber que conhece o que conhece”. Porém, isso só se dará por meio das relações e interações. Segundo Duarte (*apud* Cavalcante, 2005, s/p)



A atividade vital humana, sendo originariamente coletiva, exige, portanto, a atividade comunicativa. A atividade de comunicação foi, ao longo da história primitiva, se objetivando em processos que geraram a linguagem. [...] Sem apropriar-se da linguagem, dos objetos e dos usos e costumes ninguém pode existir enquanto ser humano.

Portanto, vê-se o quão importante é esse fator no processo de construção enquanto sujeito, pois a partir da linguagem os indivíduos vão se apropriando da realidade e construindo conceitos que irão permitir que se desenvolvam e assim possam agir no mundo, de forma a mudá-lo e imprimir nele seu modo de pensar (subjetividade). Vale ressaltar que esse processo de objetivação-subjetivação varia de sujeito para sujeito, uma vez que são vários os fatores que influenciam nesse processo de construção do sujeito.

A variação dessa construção de sujeito para sujeito a partir dessa distinção que marca esses sujeitos é de suma importância nesse processo uma vez que, segundo a perspectiva bakhtiniana, o sujeito se forma à medida que ele encontra o outro. O “eu” para Bakhtin, existe a partir da relação, do diálogo com os outros “eus”, ou seja, sozinho não é possível se constituir enquanto sujeito, para poder se definir como autor de si mesmo é necessário se relacionar com os outros. Por isso, não se pode pensar o homem, sujeito, fora das suas relações (CAVALCANTE, 2005).

4. INCOMPETÊNCIA SOCIOEDUCACIONAL (SÉC. XXI)

Segundo Cortella (2011), a escola tem uma função conservadora e inovadora. Quando nos referimos a uma educação conservadora, estamos falando em uma escola que reproduz os interesses da elite “injusta” que mantém o poder. Já que é a elite a responsável pelo nosso sistema educacional, é ela quem paga os salários, que fornece condições de trabalho e estrutura as escolas públicas. Portanto, é dessa forma que essa escola se mantém conservadora.

A educação inovadora é aquela que veio trazer mudanças, mas para que isso ocorra os professores precisam reagir a esse sistema elitizado e conservador, assumindo um papel político/pedagógico. O que seria isso? O professor não deve se manter como neutro diante dessa realidade, para tal

mudança ele deve reconstruir o seu ambiente de trabalho, no seu dia a dia com os alunos e com os demais professores. Como diz Cortella (2011), na escola é o lugar onde podemos e devemos usar o “NÃO!”, não à miséria, não à injustiça, não à ciência exclusivista e a esse poder opressor.

Os professores podem fazer isso todos os dias usando os próprios conteúdos das grades curriculares a serem cumpridas, podendo abordar cada um desses assuntos e discutir essas questões para que os alunos possam fazer escolhas de forma crítica e aos poucos ir conquistando a igualdade social. Para se chegar a essa concepção, é preciso entender que a atual Educação passou por vários momentos que influenciaram a realidade na qual estamos inseridos. O primeiro modelo foi a “escola que salva”, ou seja, com identidade fanática, seria quase uma missão religiosa (CORTELLA, 2011). Não estando ligada a nenhuma classe social, o educador tinha um papel neutro. Assim, os professores teriam uma vocação fora do mundo profissional. Mas essa concepção começa a ficar abalada a meados dos anos 70.

Então, entra em cena outra concepção, de que a “[...] educação é um meio de servir o poder” e não uma educação que atua na área da sociedade (CORTELLA, 2011). Dessa forma, a Escola passa a ser reprodutora da desigualdade social, sendo dominadora, onde o papel do professor é ser o funcionário das elites, garantindo as diferenças que essa sociedade reproduz. Como diz Cortella (2011, p.112), o papel da escola é “[...] ser um aparelho ideológico do Estado, destinado a perpetuar o sistema”. Nessa mesma época surge o modelo de uma escola que se assemelha à hierarquia do setor Industrial, como explica Cortella (2011), com cargos parecidos, com os de diretores, supervisores, coordenadores, entre outros. Dessa forma, a escola não tinha a capacidade de se governar, portanto, era necessário reproduzir tudo aquilo que a classe dominante propunha. O professor deveria adaptar as pessoas ao modelo institucionalmente imposto. O ponto positivo dessa concepção foi que a escola se destacou por não ser imparcial.

Dela surgiu uma grande contribuição que foi a de chamar a atenção para o fato de que a Educação não seria uma atividade socialmente neutra, estando envolvida no conjunto da atividade política de uma estrutura social e, assim, o educador é um

profissional politicamente comprometido (CORTELLA, 2011, p. 113).

Por fim, na década de 1980 surge o modelo em que se encontra a educação atual. É sobre essa concepção que Bourdieu (1998) dialoga com Cortella (2011), pois afirma que a cultura da elite é muito próxima da cultura escolar das crianças que não pertencem a esse meio (das classes populares) e isso ocorre devido à diferença existente entre o capital cultural de cada classe social, pois o conteúdo que uma criança da classe popular irá se deparar (apenas) na escola – que é diferente da sua realidade – está bem próxima da realidade diária de uma criança da classe elitizada.

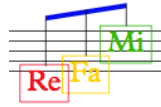
Diante desse descaso escolar vivido hoje e da diferença existente entre o ensino público e privado, percebe-se que todos são responsáveis por tal situação – a escola, a família e o Estado.

Os obstáculos são cumulativos, pois as crianças das classes populares e médias que obtém globalmente uma taxa de êxito mais fraca precisam ter um êxito mais forte para sua família e seus professores pensem em fazê-las prosseguir seus estudos (BOURDIEU, 1998, p. 50).

Desse modo, observa-se que diversos são os fatores que influenciam nesse processo e toda a atenção é necessária, uma vez que se fala em processos de aprendizagem inter-relacionados à cultura e sociedade.

5. ENTRE TEORIA E PRÁTICA: INTERSECÇÕES

A relação entre a bagagem cultural e as bases da formação do sujeito influencia sua forma de ver o mundo e, conseqüentemente, de aprender. Para discutir sobre a problemática, um estudo de caso foi realizado em duas escolas da mesma região da cidade de Goiânia-Goiás, no setor Jardim América. Uma delas é da rede particular (A1), onde foi aplicado um questionário com uma turma de 3º ano do Ensino Fundamental I do turno matutino; a outra instituição de ensino é da rede pública municipal de ensino (A2), sendo aplicado questionário com turma da mesma série, porém do turno vespertino. As duas escolas oferecem o ensino em tempo parcial.



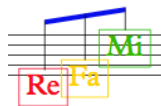
Enquanto que parte dos alunos da escola A1 é de uma região considerada classe média alta, Jardim América e adjacências, os alunos da escola A2 são provenientes dos bairros à margem da cidade de Goiânia, considerados, socialmente, de classe baixa. Todos os dias um ônibus, disponibilizado pela prefeitura, busca as crianças em casa e as levam para a escola, onde os discentes passam toda a tarde e, após jantar, por volta das 18 horas, são levados de volta para casa.

Para verificar e discutir sobre os apontamentos do presente trabalho, tal como a disparidade possivelmente existente no que se refere ao conhecimento dos alunos, foi aplicado um mesmo questionário em ambas as escolas, tanto para alunos quanto para os professores.

Foram aplicados questionários aos dois professores regentes da turma da escola A1, sendo um docente apenas da disciplina de Educação Física. Sobre os questionamentos propostos, ambos os professores relatam que os possíveis problemas de aprendizagem dos alunos referem-se à ausência ou falta de acompanhamento nas atividades e/ou estudo diário, ocasionando baixo rendimento escolar. Outros fatores importantes citados foram os problemas cognitivos e sociais que podem afetar diretamente na aprendizagem.

No questionário aplicado ao professor da escola A2, também é mencionado que a falta de acompanhamento familiar é um dos grandes problemas de aprendizagem. “Acredito que problemas de aprendizagem envolvam o social. O meio no qual as crianças estão inseridas, as condições, a falta de estrutura familiar”, discorre o professor A2. Diante disso é possível perceber que tanto os professores da escola A1 quanto o professor da escola A2 concordam com Bourdieu (1998), quando este afirma que o nível cultural do meio familiar influencia significativamente no processo de formação das crianças enquanto cidadãos.

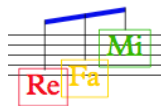
Sobre a formação dos professores das escolas A1 e A2, dois deles lecionam há mais de 5 anos, e um, o professor de Educação Física, entre 2 e 3 anos. Nas duas escolas, todos disseram que as condições estruturais da escola são favoráveis para a sua prática docente. No que diz respeito à forma de lidar com as dificuldades encontradas pelos alunos em determinadas atividades, item 3 do questionário, os professores de ambas as escolas relataram que realizam



atendimento individual a fim de sanar as possíveis dúvidas. No entanto, o que se percebe é que os atendimentos parecem ocorrer em pequenos espaços de tempo em sala de aula, uma vez que os alunos não têm atividades no turno oposto. A relação dos professores com os alunos é ótima, com os diretores e coordenadores da escola também, discorreram todos os docentes. A relação com os demais professores e colegas de trabalho segue o mesmo padrão, com exceção para o professor de Educação Física, que disse que a relação é boa.

Os professores regentes de sala da escola A1 e da escola A2 concordam que, para que o aluno possa obter a aprendizagem, é necessário apoio familiar, ou seja, que sejam oferecidas condições para que ele se desenvolva em casa (no meio em que está inserido). Assim, responderam de forma semelhante ao item 4, que diz respeito a que se devem os possíveis problemas de aprendizagem dos alunos. Outro ponto questionado foi sobre a formação continuada. Em relação a isso, todos os docentes concordam que precisam ampliar seus estudos. Quanto aos alunos, foram pesquisados 27 alunos da Rede Pública Municipal (A2) e 21 alunos da Rede Particular (A1) que estão cursando o 3º ano do Ensino Fundamental I. Encontramos dificuldades em analisar os questionários aplicados na escola A2 devido ao baixo nível em que os alunos da série estão. Boa parte dos alunos da escola A2 não conseguiu ler, interpretar e/ou preencher o questionário de forma adequada ou simplesmente não responderam.

No questionário aplicado na escola A2, somente alguns responderam de forma legível, conforme citado, outros responderam, porém encontram-se ilegíveis, os demais não responderam por encontrar dificuldades em ler, interpretar e escrever. Em um caso específico, por exemplo, uma das crianças respondeu às questões discursivas repetindo várias vezes a mesma sílaba (“mama”), não conseguindo formar uma palavra para responder as perguntas. Teve casos em que as crianças responderam apenas as questões objetivas, isso após ter ocorrido a leitura de cada pergunta com eles, para que então pudessem marcar a questão que se adequava à sua realidade. Cabe ressaltar, também, que nem todos conseguiram responder adequadamente. Já na escola A1, os alunos não encontraram nenhuma dificuldade em responder quaisquer questões, responderam todas de forma coesa e coerente. Na pergunta que diz respeito a



com quem eles moram (item 1), os alunos da escola A1 responderam que moram com pai, mãe e irmãos, enquanto os da escola A2 responderam que moram com pai, mãe, irmãos e avó.

O item 2 diz respeito ao bairro em eles moram: os alunos da escola A1 responderam que moram no próprio bairro da escola, Jardim América e/ou proximidades; muitos em condomínios fechados. Na escola A2, a maioria respondeu que mora no bairro Madre Germana 2, confirmando a informação inicial repassada pela direção da escola sobre a origem das crianças. O item 3 visava situar a criança sobre sua realidade, questionando sobre qual bairro está situada a escola em que eles estudam. Nesse ponto, os alunos das escolas A1 e A2 responderam que se encontra no setor Jardim América.

No item 4, que pergunta quem foi a pessoa que escolheu a escola para eles estudarem, os alunos da escola A1 responderam que foram os seus pais, enquanto na escola A2 responderam que foi a mãe. No entanto, ressalva-se que a escola A2, em questão, também foi escolhida por outras razões, pois a escola do bairro onde os discentes moram não está funcionando e, por isso, são levados em um ônibus disponibilizado pela prefeitura para esse bairro. Sobre o item 5, perguntou-se sobre os itens que as crianças têm em casa, a fim de verificar as intersecções entre o capital cultural e econômico. Grande parte dos alunos da escola A1 respondeu que possuem de 3 a 5 televisões, 1 aparelho de DVD, todos tem TV por assinatura e acesso à internet e, em média 2 computadores. Ainda, todos possuem *tablet* e mais de 2 celulares, incluindo os das crianças (cada uma possui o seu próprio aparelho celular). No núcleo familiar, na escola A1, todos possuem cerca de 2 carros e/ou motos.

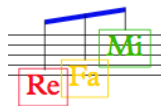
Referente ao mesmo item, os alunos da escola A2 responderam que possuem uma televisão, não possuem aparelho de DVD, *tablet*, ou computadores. Não tem acesso à internet e desconhecem o que seja TV por assinatura. Grande maioria não possui carro ou moto e apenas os responsáveis possuem celulares, média de 2, no máximo.

O item 6 diz respeito ao hábito de leitura de cada um. Os discentes da escola A1 responderam que ler é um prazer, que adoram ir em uma livraria e que se divertem lendo. Já na escola A2, os alunos responderam que só leem quando necessário ou que a escola os estimulam a ler. O item 7 verifica quantos

livros eles possuem em casa. Na escola A1, a metade possui de 1 a 20 livros, a outra metade possui de 20 a 50 livros; na escola A2 a maioria não possui nenhum livro em casa. No item 8, questiona-se sobre a frequência com que seus responsáveis conversam com eles sobre a escola, seus estudos, livros, filmes ou programas de TV. Na escola A1 a metade respondeu que essa conversa acontece raramente, enquanto a outra metade respondeu que essa conversa acontece quase sempre. Já na escola A2, eles responderam que raramente eles têm essa conversa. O item 9 diz respeito a quem os ajudam a fazer as atividades escolares que vão para casa e o horário em que estas são realizadas. Na escola A1 os alunos responderam que são as mães que os ajudam com a tarefa de casa e o fazem no período da tarde. Na escola A2, os alunos disseram que, às vezes, os pais os ajudam, mas, na maioria das vezes, são os irmãos mais velhos. Isso acontece porque os pais estão no trabalho e o horário da realização dessa atividade ocorre sempre à noite, não fazem pela manhã porque precisam se organizar mais cedo, já que existe um horário marcado em que o ônibus chega para buscá-los.

No item 10, questiona o que as crianças pensam sobre a importância da escola no seu futuro. Na escola A1, foi observado que a metade dos alunos tem consciência de que a escola não é só para formá-los apenas enquanto profissionais, mas também para se tornarem pessoas melhores no futuro. Já a outra parcela dos alunos pensa que a escola é importante para garantir somente o seu futuro profissional. Na escola A2, a maioria dos alunos entende que a escola é um lugar de preparo somente para o mercado de trabalho, não apresentavam noção que o estudo pode vir a desenvolver intelectual e profissionalmente.

A partir destes questionários aplicados nessas duas escolas foi possível confirmar a discussão proposta por Bourdieu (1998) em que diz que o capital cultural e o contexto social influenciam no aprendizado e na vida escolar das crianças, ou seja, “[...] cada família transmite a seus filhos, mais por vias indiretas que diretas, um certo capital cultural”. (BOURDIEU, 1998, p. 41). As crianças das classes menos favorecidas não chegam à escola com esse capital cultural que as crianças da classe mais alta chegam. Essas crianças desfavorecidas esperam receber tudo da escola. É aí que surge a diferença de



conhecimentos e desenvolvimento da escola A1 para a escola A2. Os alunos da escola A1 chegam munidos de capital cultural, conhecem livros, obras de artes, cinemas e museus, enquanto os alunos da escola A2, muitas vezes têm o seu primeiro contato com livros literários na escola, não tendo essa oportunidade em casa. Prova disso é a resposta dada à pergunta que diz respeito à leitura, em que na escola A2 os alunos responderam que leem somente quando necessário, enquanto os alunos da escola A1 sentem prazer e se divertem lendo, prazer esse que não vem apenas do estímulo da escola, mas sim da influência familiar indireta no seu cotidiano.

Bourdieu (1998) argumenta que essa cultura de elite, só pode ser adquirida pessoalmente, cultura essa que é herdada das classes mais favorecidas – o bom gosto, o talento e o estilo que parecem ser naturais aos que pertencem a essa classe por fazer parte de sua realidade. Por esse motivo, as crianças das classes menos favorecidas ficam prejudicadas, pois não recebem esses hábitos socioculturais de suas famílias por não fazer parte do seu cotidiano. O que eles recebem do seu meio familiar é apenas uma boa vontade, baseada apenas no senso comum, vazia, e quando chegam à escola é tudo muito novo e fora da sua realidade. Com isso, os professores precisam estar atentos a essa realidade que os rodeiam para que não reproduzam a cultura escolar que é bem próxima à cultura das crianças de classes mais altas. É preciso ter a consciência de que esse aluno com defasagem na bagagem cultural precisará ter um atendimento diferenciado, mostrando a importância do capital cultural, para assim despertar nesses alunos o interesse em dar continuidade aos seus estudos, não só para uma finalidade profissional, mas para ser um cidadão melhor.

Bourdieu (1998) ainda afirma, neste contexto, que é preciso se redobrar o trabalho com alunos da classe menos favorecida, pois a influência que eles recebem de suas famílias e o meio em que vivem é de desencorajamento, o que acaba por rotulá-los como sem futuro ou, como constatamos no questionário, que devem ir à escola somente para prepará-los para o mercado de trabalho, não que não se possa almejar isso, mas não apenas. Caber acentuar que ir à escola deve ser uma ação que possibilite o encontro e a aquisição de conhecimentos pautados na construção de cidadãos críticos.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

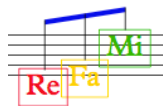
Discutir sobre a construção do conhecimento através da percepção do sujeito é, sem dúvida, algo que não se finda em uma pesquisa. Vários pontos devem ser levantados, como: as dificuldades encontradas tanto pelas crianças quanto pelos professores para que ocorra um desenvolvimento socioeducacional favorável; como se dá a constituição dessa criança enquanto sujeito; quais os fatores que influenciam nesse processo de construção, seja de forma direta ou indireta. Diante da discussão e problematização do tema foi possível concluir que o nível cultural do meio familiar influencia significativamente no processo de formação do cidadão enquanto sujeito, afinal, vive-se em uma época em que se reproduz uma herança da sociedade, ou seja, uma cultura legítima, marcada pela desigualdade entre classes. Deve-se estar atento a que ambientes estamos oferecendo a nossas crianças para que elas se construam, pois bem sabemos que a herança familiar atua de forma bem marcante no que diz respeito ao futuro escolar, uma vez que esses conhecimentos apropriados facilitam o aprendizado dos conteúdos.

A família, ainda que inconsciente, é fator preponderante para a situação do aprendizado. Os pais dos alunos de escolas particulares entendem, devido ao meio em que estão inseridos, que seu filho (a) precisa estudar para que se construa enquanto sujeito e atue no mundo de forma crítica, ou seja, se aproprie da realidade, construa conceitos e imprima-lhes sua subjetividade; enquanto os pais dos alunos de escolas públicas, apesar de saberem a importância de se estudar, não compreendem o verdadeiro motivo pelo qual seu filho (a) deve frequentar a escola, eles visam apenas estudar para aprender a ler e escrever e adquirir um emprego, seja ele qual for. Isso ocorre devido ao contexto social que os cerca. Visto que o capital cultural influencia significativamente o sucesso e o insucesso escolar, percebe-se que os profissionais da educação não se atentam para questões que geram ineficiências na aprendizagem dos alunos que estão em processo de construção e não conseguem lidar, seja por falta de preparo ou falta de uma auto-avaliação com aquela parcela de alunos que, por motivos financeiros, não possuem um capital cultural satisfatório.

Por esse motivo, as crianças das classes menos favorecidas acabam por ficar prejudicadas podendo ser ainda mais marginalizadas. É função do professor incentivar os alunos e buscar meios que permitam que tanto os pais quanto os alunos percebam o quão beneficiados serão se enriquecerem seus capitais culturais. Mas isso deve ser trabalhado de forma contínua e gradativa, contextualizado a sua realidade. Contudo, se houver um trabalho em conjunto, da escola, da família e do Estado, revendo e mudando nossas práticas e lutando para oferecer a essas crianças uma educação de qualidade, que perpasse os muros da escola, conseguiremos formar cidadãos críticos e éticos.

REFERÊNCIAS

- BOURDIEU, P. A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura. In: NOGUEIRA, M. A.; CATANI A. (orgs.). **Escritos de Educação**. 2. ed. Petrópolis - RJ: Vozes, 1998. Cap 2.
- BOURDIEU, P. A gênese dos conceitos de habitus e campo. In: BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Difel, 1989. Cap. 3.
- BOURDIEU, P. Espaço social é gênese das classes. In: BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Difel, 1989. Cap. 6.
- BOURDIEU, P. O capital social – notas provisórias. In: NOGUEIRA, M. A.; CATANI A. (orgs.). **Escritos de Educação**. 2. ed. Petrópolis - RJ: Vozes, 1998. Cap 3.
- BOURDIEU, P. Os três estados do capital cultural. In: NOGUEIRA, M. A.; CATANI A. (orgs.). **Escritos de Educação**. 2. ed. Petrópolis - RJ: Vozes, 1998. Cap. 4.
- BOURDIEU, P. Sobre o poder simbólico. In: BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Difel, 1989. Cap. 1.
- BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.
- CAVALCANTE, M. S. A. O. O sujeito responsivo/ativo em Bakhtin e Lukács. In: II SEMINÁRIO DE ESTUDOS EM ANÁLISE DO DISCURSO, 2005, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: UFRGS, 2005, s.p. Disponível em:
<<http://anaisdosead.com.br/2SEAD/SIMPOSIOS/MariaDoSocorroAguiarDeOliveiraCavalcante.pdf>> Acesso em 12 nov. 2015.
- CHARTIER, R. **A história cultural: entre práticas e representações**. 2. ed. Lisboa: Difel, 1988.



CORTELLA, M. S. A escola e a construção do conhecimento. In: CORTELLA, M. S. **A escola e o conhecimento: fundamentos epistemológicos e políticos**. 14. ed. São Paulo: Cortez, 2011. Cap. 4.

CORTELLA, M. S. O conhecimento escolar: epistemologia e política. In: CORTELLA, M. S. **A escola e o conhecimento: fundamentos epistemológicos e políticos**. 14. ed. São Paulo: Cortez, 2011. Cap. 4

DESCHAMPS, L. M. **O papel da Escola e do Educador dos/nos tempos atuais**. Agosto, 2012. Disponível em: <<http://dc.clicrbs.com.br/sc/noticias/noticia/2012/08/o-papel-da-escola-e-do-educador-dos-nos-tempos-atuais-3848036.html>>. Acesso em: 24 mar. 2016

ECO, U. **Parâmetros da cultural**. In: MORIN, E. (org.) Sob o céu da cultura. Brasília: Thesaurus, Casa das Musas, 2004. Cap. 2.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 1989.

ANEXO I QUESTIONÁRIO - ALUNO

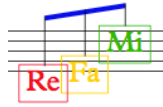
1- Com quem você mora?

2. Em qual bairro você mora?

3. Em qual bairro sua escola está situada?

4. Quem foi que escolheu essa escola para você estudar?

5. Quais dos seguintes itens há em sua casa:



REVISTA FALANGE

MIÚDA (ReFaMi)

- a) () Televisão. Quantos?
b) _____
Computador. Quantos?
c) _____
Assinatura de TV.
Quantos? _____
d) () DVD. Quantos? _____

- e) () Carro ou moto. Quantos?
f) _____
Acesso a internet.
Quantos? _____
g) () Celular. Quantos? _____
h) () Tablet. Quantos? _____

6. Você costuma ler:

- a) () Só quando necessário
b) () Ler é uma das minhas
diversões preferidas
c) () Adoro ir a uma livraria
d) () A escola me estimula a ler

7. Quantos livros há em sua casa?

- a) () Bastante para encher uma
prateleira. (1 a 20 livros)
b) () Bastante para encher uma
estante. (20 a 50 livros)
c) () Bastante para encher
várias estantes. (Mais de 50
livros)
d) () Nenhum

8. Com que frequência seus pais ou responsáveis conversam com você sobre sua escola, seus estudos, seus estudos, livros, filmes ou programas de TV?

- a) () Nunca
b) () Raramente
c) () Quase sempre
d) () Sempre

9. Quem ajuda você a realizar as tarefas escolares que vão para casa? Em que horário você costuma fazer?

10. Você considera a escola importante para o seu futuro? Por quê?

ANEXO II QUESTIONÁRIO – PROFESSOR

1. Há quantos anos você leciona?

- () até 6 meses
() entre 6 meses e 1 ano
() entre 1 e 2 anos
() mais de 2 anos
() mais de 5 anos

2. As condições estruturais da escola são favoráveis para sua prática docente?

SIM

NÃO

3. Como você lida com as dificuldades encontradas pelos alunos em determinadas atividades?

Reforço

Atendimento individual

Irrita quando o erro é recorrente

A escola não dá suporte para reforços

4. Em sua opinião, a que se deve os possíveis problemas de aprendizagem dos alunos?

5. O que você acha que pode ser melhorado em sua prática docente?

6. Sua relação com os alunos é:

Ótima

Boa

Ruim

7. Sua relação com os demais professores e colegas de trabalho é:

Ótima

Boa

Ruim

8. Sua relação com os diretores e coordenadores da escola é:

Ótima

Boa

Ruim